

VOLUME 7

PASSEIO A SANTA CRUZ - DEZEMBRO DE 1860

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

25 de dezembro de 1860

Parti, no trem da estrada de ferro, da estação da Quinta às 5h e 20 min.

Cheguei à estação de Sapopenha ⁰⁰¹ às 6h. Com meia hora de caminho por estrada larga e plana, onde encontrei trabalhando soldados do batalhão de engenheiros, achei-me na escola de tiro.

Os edifícios são muito acanhados e vi algumas espingardas pouco limpas e com teia de aranha. A escrituração não está em dia, mas também agora é que se começa a executar o decreto de 8 de maio de 1859.

O campo de tiro tem uma linha de 1000 braças, havendo dois alvos, um a 500 e outro a 250; porém atiraram a 400 e 150. Acertaram sofrivelmente com bala rasa de calibre 6, no alvo a 400 braças e mousquetons à Minié de artilheiros, no outro mais próximo, não sendo felizes com as granadas de obus de 4 ½ polegadas no alvo a 150 braças nem com carabinas à Minié no alvo a 400 braças, que já tem atingido na razão de 1 por 6. Um soldado do 1º de artilheria, filho do Ceará, acertou com a carabina à Minié, 4 vezes em 6, no alvo a 150 braças.

Soltaram-se 4 foguetes de Congreve de maior calibre empregando-se a estimativa de Ungeur de München; porém nenhum tocou no alvo. Os foguetes parecem muito bons e foram feitos no laboratório pirotécnico de Campinho sob a direção do Luz. Há outra estativa do mesmo sistema para calibre menor de que também existem foguetes fabricados no Campinho.

O armazém construído de tábuas para as munições é estreitíssimo e muito úmido.

A arrecadação do rancho está mal arranjada por falta de capacidade; o xadrez não tem porta e deve chover-lhe dentro.

Não há enfermaria, indo os doentes para a do Campinho na diligência até Sapopenha a 500 réis por pessoa, e daí pela estrada de ferro.

E os soldados comem longe do quartel. Os alimentos são bons, e foram bem preparados para o almoço à exceção de carne-seca, que me disseram ter sido cozida de véspera. O lugar é sadio, e os dois quartéis são bons, devendo contudo ser asfaltados e não ficar em terra e fazer-se as camas inteiramente de ferro.

Mostraram-me um instrumento curioso de invenção de José Mariano de Matos ⁰⁰², que reúne em si os fins do nível de ponta, para marcar os pontos de maior altura da peça, do quadrante para calcular o ângulo de elevação e da mira; está feito para servir no obus de 4 ½ h polegadas colocando-se sobre a culatra. O mesmo oficial melhorou a colher, que carrega o obus, fazendo trabalhar o soquete a modo de êmbolo por dentro da colher da colher da colher evitando assim que esta ao tirar-se traga consigo a carga.

O capitão Valente, filho do Conde do Rio Prata, ajudante do diretor ainda não nomeado, parece muito zeloso e inteligente.

Junto o mapa do dia; há falta de gente para o serviço. Sai da escola de tiro às 10h e cheguei ao Bangu às 10 ½ h.

O barão de Piraquara ⁰⁰³ tem feito melhoramentos na sua fazenda, como o aquecimento das caldeiras por meio de vapor, que move as moendas, lavrando e estrumando as terras de 6 anos a esta parte, para o que emprega, além dos resíduos do curral, o bagaço da cana, com o qual ainda não pode conseguir alimentar a fomalha dispensando a lenha.

Construiu um pequeno terraço do lado direito da sala de jantar e assenta agora um portão no começo da subida da ladeira, que se acha calçada de novo e com menos declive. O caminho para Sta. Cruz está bom e aqui cheguei às 3h.

Corria a casa, onde me perco em longa fiada de salas, descansei um pouco e, depois das 5h, fui ao cercadinho pela rua dos bambus que estão muito falhos.

A horta de lado direito tem plantação de capim e do lado esquerdo no lugar do antigo potreiro há uma área de 40 mil e 700 braças bem lavradas e já verdejando de arroz. O cercadinho tem sido descuidado, mudando-se o paiol para perto do palácio para melhor fiscalização.

Os vinháticos estão encartilhados, cobertos de longas cãs e prestes a reduzir-se a estrume ou cinza, e o labirinto mal se percebe.

Voltei pelo caminho do leme encontrando 12 escravos, que se queixam de ter sido levados de Sta. Cruz para o sítio do Costa pertencente a Couto Reis ⁰⁰⁴, onde trabalham em cafezais sobre ásperas encostas, e são obrigados a carregar sacas

daquele gênero, ao mesmo tempo que não têm nenhum dia de descanso na semana e fazem serões. Os escravos logo que me aproximei do canal falso, gritavam misericórdia, dizendo que tinham fome, e lhes tiravam sábado e domingo, parecendo-me ter visto algumas das 12 escravas já referidas entre a chusma.

Informe-me e soube que os pertencentes a família, que tem qualquer de seus membros fugido não goza do sábado, o que me parece injusto, pois não recebem ração e não lhes basta o domingo para cuidarem de seu alimento.

As pinturas das salas do Paço carecem de retoque, por já estragadas, assim como também se acham os papéis da parte mais moderna.

São 7 $\frac{3}{4}$ h e toca a música que é sofrível. Não tem feito muito calor. O Garcia ⁰⁰⁵ disse-me que tem havido casos e alguns fatais de simples febre, sem outro sintoma que não o delírio depois de alguns dias.

Há muita repugnância da parte da escravatura em receber ração em lugar de sábado, mas parece reforma necessária para melhor serviço da fazenda.

Tudo que está iluminado e o portão da frente da praça do Paço faz bela vista.

Já indaguei, e parece que as escravas não têm razão. Resolvi que se desse comida em comum, para evitar representações a respeito da quantidade da ração aos que tiverem membros da família fugidos.

Julgo acertado forrar as pretas que tiveram certo número de filhos no serviço.

São 8 $\frac{1}{2}$ h e vou descansar.

26 de dezembro de 1860

Acordei antes das 4 com o estrondo da trovoadas e pouco dormi depois, receando que a chuva, que caía em abundância, impedisse a saída do cavalo. Felizmente às 6h estava o tempo sofrível e sem chuva, e, depois de ter bebido um bom copo de leite mugido da vaca, montei a cavalo e fui pelo aterrado de Itaguai.

Acha-se em excelente estado e bem reconstruídas as pontes de madeira do Itu e do Guandu únicas que atravessei. Do lado direito do aterrado vi uma grande plantação de arroz a arado e tomando à esquerda, logo depois da passada a ponte do Guandu, fui pelo campo de Roma, ou de St^o Antônio, que medeia entre esse rio e o vale de S. Francisco, até este que precisa muitíssimo de ser limpo, mantendo a umidade do campo a tiririca.

Contudo o campo de Roma tem, em geral, belo pasto, que se atribui às águas e seca posterior que matam as ervas que o sujam. O gado que aí pasta é de particulares, em geral, magro.

Na volta, encostando ao Guandu, encontrei uma pequena manada de cavalos da fazenda entre os quais havia éguas e potros bonitos. Segui para o curtume pelo novo aterrado quase inteiramente acabado e de 1500 e tantas braças de extensão reta, desde a altura da nova até o Morro do Ar.

Há para os dois lados plantações arado de arroz e mandioca; valas abertas de novo, e pontes também novas de pedra, dando passagem sobre valas. O aterrado sendo bordado de palmeiras reais, como se fará, deve ficar belíssimo.

No Morro do Ar há plantações de mandioca, milho e cana feitas a arado, mas tanto a última como a primeira tem os pés muitos próximos, sendo a cana da roxa, que demanda pelo menos 12 palmos de intervalo entre as fiadas.

Há na fazenda mandioca destas qualidades: mandi grande e pequeno, roxinha, chapéu de sol, e que te parece, assim chamada por crescer muito depressa a raiz.

Não há muita diferença na olaria, a não ser melhor mão-de-obra, e mais trabalho.

O armazém está arruinado pelo cupim.

O curtume é só dos couros dos animais que se matam na fazenda e o cachoeiro da Casa queixa-se de que o couro é pouco forte, talvez por se terem morto vitelas em maior número.

A ponte tem ruína nos pegões, e cumpre também cuidar da represa das águas, a fim de fertilizar os campos. É pena que ainda se não houvesse montado a máquina de tijolos de Clayton, de que já existem todas as peças na fazenda, devendo tê-la montado o Capanema ⁰⁰⁶. Pedi um apontamento da obra existente no armazém e de que faz um oleiro por dia.

Na volta encostei-me para o lado do caminho antigo e vi trabalhos de valas, de pontes de pedras sobre estas e crianças limpando o campo que está muito sujo, passando pelo novo aprisco coberto e quase concluído para 300 carneiros, de que há 250 das raças isley, southdown e merinos. Um dos pais distingue-se pela prudência, com que exerce suas funções, ao contrário de outro que até foi desterrado por insolentes usurpações. Gostei do aspecto do campo, que percorri; pois revela atividade.

Chegando a casa às 10h, descansei; almocei às 10 ½ h, e, tendo lido o Jornal e Diário de ontem e as cartas de minha família, fui ao meio-dia visitar as repartições e escola de 1^{as} letras do 1º grau para meninos, não se achando quem tenha habilitações para professora.

O hospital vai bem e só notei a falta de caixa de trepanação; os estrados de pau nas camas de ferro e a pouca comida dada às crianças até 7 anos, ou porque não podem ir comer à casa. São de serviço; masculinos 43 e femininas 37, e não de serviço 102; total 182, cada uma recebendo uma cuia pequena e sem ser cheia, de pedaços de carne boiando em caldo misturado com farinha. Há muitos vidros quebrados nas vidraças.

A estrebaria perto do hospital tem os cavalos de criação, já havendo alguns poldros de boas raças cruzadas, entre os quais se distingue o filho do garanhão petit-maitre, que dizem ser anglo-percheron, e rês brilhaturas, quando o puxaram do seu boxe, ou manjedoura fechada, para o pátio. Todos os animais têm os nomes sobre as manjedouras dos boxes e lá estão 8 éguas percheronnes muito bonitas, sobretudo a Mademoiselle, russo-pedrez, que é pena ter um abscesso no pé direito; também porque lhe deram tal nome se não pode trazer saia! O agrícola 2º também morreu como o primeiro, assim como os jumentos e jumenta; de modo que tem custado a estabelecer a coudelaria, que, apesar de tudo, já mostra resultados. Há muito feno colhido e seco na fazenda, de que se alimentam os cavalos criados em estrebarias.

Depois examinei diversos instrumentos aratórios, que não têm sido empregados na maior parte: as enxadas com pás de rebordo e crivos para limpar as valas são pesadíssimas.

Nada digo a respeito do número de doentes e moléstias; porque pedi ao diretor do hospital um mapa circunstanciado.

Tendo visitado a estrebaria passei à horta, que tem bonito muro com portão no centro e quiosques nos extremos tudo de tijolo e está bem tratada e plantada, havendo todos os legumes, sobretudo aspargos, e diversas qualidades de laranjeiras; perto da horta acha-se um espaço onde se fazem plantações de ensaio.

A escola de 1^{as} letras tem 30 alunos matriculados em livro bem escrito pelo professor João da Mota Araújo. Examinei os seguintes meninos:

Deodato Martins da Luz, matriculado em 21 de abril de 1856, e que o professor apresentou como o mais adiantado dos matriculados, lê sofrivelmente, decora apenas a gramática e está atrasado em frações.

Francisco Pereira de Menezes, matriculado em 5 de junho de 1855, lê pior que o outro ainda que parecesse receoso, está atrasado em aritmética, e quanto à gramática como o primeiro.

José Feliciano de Nazaré, matriculado a 8 de março de 1854, na aritmética talvez seja melhor que os outros; lê sofrivelmente e principia nos verbos.

Todos os três foram chamados à doutrina cristã e mostraram-se adiantados, assim como e mais do que eles José Feliciano Godinho Filho, matriculado em 8 de março de 1855, e que parece espertinho.

A letra dos escritos é sofrível.

Julgo o professor habilitado e inteligente.

A sala está decente e bem arranjada.

Na aula de música ouvi um excelente flautista, um bom cornete-a-piston e uma requinta já inferior mas sofrível. Uma escrava cantou afiada a bela ária da Elvina sem ser o 1º ato do Ernani. O todo da orquestra incomoda às vezes os ouvidos; mas assim mesmo acham-se adiantados e o mestre Joaquim de Araújo Cintra parece zeloso.

Entrei na Granja, onde vi a máquina de esbrugar milho, que não é boa por deixar muitos grãos da primeira vez, bastante arroz em palha amedado e um silo, cujas paredes foram cimentadas e forradas de palha, com que também cobriram 40 alqueires de arroz em palha. Abriu-se a tampa do silo e, apesar de guardado há 7 meses, o arroz está bom e só com bichos por cima criados na palha. Convém, como em França se faz, misturar o grão com cal, para absorver a umidade e botar sobre ele um pouco de clorofórmio para matar o bicho.

Há também latas de chá de fazenda, algum de 49, que cheira bem e pipas de cachaça, de que já se fizeram este ano 7 na fazenda moendo cana cultivada aqui.

Daí passei ao escritório, onde, entre obras sobre agricultura, não encontrei um número sequer do Auxiliador de Indústria Nacional à arrecadação e à ferraria.

Cheguei a casa perto de 3 ½ h; escrevi parte deste diário; jantei às 4 ½ h, com excelente sobremesa de sopa de leite e às 5 ½ h fui de sege para o Leme.

Pouco além do portão do Cercadinho principia um aterrado novo que conduz em linha reta ao Leme, gastando-se do Paço até este lugar menos de um quarto. Os Campos estão aí muito sujus. O Leme está cuidado; plantaram-se no tempo

do Garcia mais 4 mil e tantos pés de chá; há também algodoeiros, mas baixos como as plantações de chá são rasteiras. Existem 4 tachos para o fabrico de chá, que o Garcia ainda não sabe de quanto é por ano, tendo-se feito hoje.

Fui ver as abelhas, de que há 50 e tantas tendo sofrido grande diminuição como no curtume que desceram de 400 a 40 e tantas; o que atribuem à falta de flores e a um certo bicho, pelo que vão mandá-las para o Cercadinho.

Não deixei de visitar a frondosa árvore, que aí se ostenta, dando um fruto à moda de carapeta, com que brincam os moleques. Mandeí penteá-la e barbeá-la e tomara que a não deixem de perecer como os vinháticos.

A mangueira do fundo do paço conserva a sua majestade ainda que em chão apenas capinado, não existindo mais os algodoeiros.

8h e 10 min - De tarde fez bastante calor enfumaçando-se todo o horizonte e acabou de dar um bom estouro de trovoadas que vem com fortes refregas de vento e chuva.

Vou escrever para S. Cristóvão e depois do meu banho e chá ler e dormir.

27 de dezembro de 1860

Ontem antes das 10h da noite já estava bom tempo.

Dormi bem - é preciso ser exato; rolei um pouco na cama e muito me excitou a imaginação o lápis, que me serviu para marcar a leitura, e que, esquecido entre as minhas roupas, custou bastante a apanhar, metendo-o enfim debaixo do travesseiro depois de mordê-lo por castigo - o parêntese foi grande, apesar dos sonhos serem demasiadamente curtos, e ligando o fio de meu diário repetirei que dormi bem até às 5h!

Às 5 ½ h subi à torre, de cujo último andar estive alongando as vistas pelas campinas, sobretudo do lado do norte e de leste onde o sol ia afogando as nuvens e pouco antes das 6h desci para beber o meu copo de leite e saí às 6h.

Fui de carro até o canal de S. Paulo, cujo campo é do lado direito do aterrado de Itaguaí, e oposto ao de Roma, e aí assisti a um rodeio de cavallada pertencente à casa em número de cerca de 300 cabeças.

Havia algumas éguas e potrozinhas bonitas, não aparecendo cavalos inteiros; pois capam os que não destinam para país. Montaram 3 bestas e dois poldros; mas só estes é que pularam mais um pouco.

O Campo pareceu-me sujo. Voltei pelo mesmo caminho até tomar para o curral de S. José, que fica por detrás do Morro da Conceição que domina a fonte da Carioca, e sobre o qual vi bastantes carneiros de raça da terra e triste aspecto que formam parte do rebanho, de que já falei e no qual há poucos de raça estrangeira e mestiços, parecendo que a umidade dos pastos contrariará sempre essa criação.

Avista-se daí o cemitério cercado de muro de pedra e cal, mas cuja porta furtaram há pouco, estando o chão coberto de mato; além disto julgo-o pequeno.

No curral de S. José montei a cavalo e fui ver esse campo limitado pelo aterrado de Itaguaí, vale do Itu, praia e estrada de Sepetiba e matos do Curral falso. No princípio do Campo há bela relva, mas depois aparecem grandes espaços em que apenas vai gramando. Têm-se feito muitas valas, como mostra a nota junta, parecendo-me todas as que vi em diversos campos e que se abriram no tempo do Garcia pouco profundas, e este campo assim como o de S. Marcos, que atravessa o aterrado para o curtume e foi reservado para o gado da fazenda é o mais seco da fazenda e portanto de melhor pasto.

Segui até as valas da Goiaba e Sapucu e, voltando ao curral, assisti ao laçar de um belo touro branco da fazenda da qual havia mais 8 com outro gado vacuum de particulares apenas para tranqüilidade dos touros.

Depois de derrubado e preso o touro armaram dois paus, um com um pellejo coroadado de um chapéu e outro com um boneco vestido de encarnado e solto o touro lançou logo por terra o primeiro pau e foi-se ao boneco, que atirou no chão jogando-o depois ao ares.

Deixaram depois sair todo o gado e laçaram no campo outro dois touros, dos quais só um derrubou o boneco, tendo o outro, que passa pelo mais ousado, arremetido contra um dos peões, cujo cavalo correu mais que o touro, o qual está acostumado a investir contra os cavaleiros, havendo já estripado alguns cavalos, pelo que lhe serraram as pontas. É libuno de cor e tem um respeitável cachaço.

Às 10h e 10 min cheguei à casa. O gado vacuum tem diminuído, por causa das 700 reses que se venderam no tempo da carestia, para o corte no Rio de Janeiro, das águas de 1858, que mataram muitas cabeças e das rações da fazenda, que demandavam uma vitela por dia e por isso são dadas de certo para cá em dinheiro.

A criação de cavalos e bestas parece ser a que mais convém à fazenda, assim como a cultura da cana, como principal; estando já destinado um lugar para construção do engenho modelo de açúcar.

Esquecia-me falar de uma casa nova de guardar os carros no princípio do aterrado para o Curtume e da nova, cujo edifício está muito estragado. O campeiro-mor ficou de dar um apontamento do gado da fazenda e particular, só podendo apresentar trabalho exato depois da marcação, assim como uma notícia igual à que junto a respeito das valas do Campo de S. José sobre todas as outras em que se tem trabalhado durante a administração do Garcia.

Até às 11h que almocei estive escrevendo o diário; fiz o mesmo depois até meio-dia que saí a cavalo. Fui ver a plantação de mandioca e cana na encosta da colina do potreiro dos veados, que fica à esquerda do largo do Palácio olhando deste.

As fiadas de cana têm maior intervalo, mas as mandiocas ainda parecem úmidas demais, posto que o Pinquara, que me veio visitar e almoçou comigo, não o ache.

As mandiocas agitadas pelo vento faziam bonita vista.

Segui pela plantação de arroz ao lado da rua de bambus para o campo de S. Marcos. O arroz não tem germinado, pela maior parte, por causa da seca. O Garcia tem já estudado a questão do afolhamento porém até agora só pode dizer que nos terrenos turfosos convém primeiro plantar arroz e depois feijão miúdo, cujo grão já tenho visto em grande quantidade e nos silicosos a mandioca primeiramente.

O Almeida Pereira ficou de mandar pés de uma mandioca de raiz muito grande chamada caroca, que não há na fazenda.

No campo de S. Marcos trabalharam o arado e grade com dois bois, e rolo de ferro com diversas fiadas de dentes para quebrar os torrões e puxado por 3 bois, dois adiante e outro dentro da grade de pau em que prende o eixo do rolo.

Há 5 escravos que dirigem bem estes instrumentos e um arado lavra uma fieira de terreno por dia quando limpo de tocos. Na volta mostraram-me um alagado que nunca seca onde pretendem criar aves aquáticas depois de melhorado o local.

Não quis deixar de ver o galinheiro, casinha de pedra e cal perto do Cercadinho, há outros 2 que me apontaram e que também são casinhas de pedra e cal e indo para lá vi que na casa de guardar carros, de que já falei, também os fazem e há carpinteiros trabalhando noutras obras.

O galinheiro de 150 bicos bem arrançados com lugares próprios para postura e choco, poleiro de grade e de desmanchar, com forma de pirâmide quadrangular trancada e de ponta para baixo para as galinhas, que procuram os lugares mais altos, terem mais espaço, cômoda de gavetas para guardar ovos de cada dia da semana e de cada semana até 3, no fim das quais se botam fora e uma tábua pendurada na parede com furos e cravelhos para a pessoa encarregada do galinheiro marcar o número de ovos postos. A estufa para chocar não tem dado bom resultado.

Às 2 menos 20 entrava na casa de música, onde ouvi grande parte do 1º ato de Hernani, uma ária para flauta do Hamlet de Mercadante e a sinfonia da muda de Portici até 3 menos 20 que vim para casa.

Antes que me esqueça direi que o local para o engenho de açúcar fica perto de curral chamado de leiteria, o mais próximo do Palácio, e que se destina o alto do morro da Conceição para os edifícios de coudelaria, que se projeta.

Agora vou ler deitado e às 3 ½ h tomar um grande banho. Não recebi nem jornais nem notícias de S. Cristóvão.

8 horas da noite - Perto das 4h chegaram notícias de S. Cristóvão e os jornais, que percorri com a vista só tendo podido ler o Diário.

Às 5 ½ h fui ao mirante. O caminho podia estar melhor e o mirante de figura octogonal está já com uma das paredes rachadas, sem as portas, com os caixilhos das vidraças estragados e tábuas do assoalho todas arrancadas começando-se a ladrilhá-lo. Há parapeito à borda da pedreira.

A vista é magnífica, descobrindo-se quase toda a Marambaia de um lado, e do outro a vasta planície da fazenda.

Ao pôr-do-sol uma cigarra veio pousar no pau - sem bandeira - do mirante - e, solto seu sonoro queixume, voou para o lado do Norte.

A custo resolvi descer, tanto mais que a lua começava a pratear as nuvens. Hei de logo, quando tudo estiver tranqüilo, subir à torre para ver o efeito do luar sobre este imenso tapete verde.

À tarde abafou o ar: mas não temos trovoada e já corre uma aragem muito agradável; - agora ouço o vento zunir e forte.

No mirante lembrou-me mencionar uma casa que se constrói na plantação do potreiro dos veados.

As senzalas parecem-me precisar de conserto; alguns telhados apresentam sensíveis depressões.

Quando subia a luz deslumbrou uma andorinha que foi logo apanhada, mas também logo voltou para seu ninho.

9h - Já desci da torre. A lua passava por cima da torre, formando-lhe as nuvens uma coroa muito bela. A vastidão do campo tornou-se saudosíssima, e o terreno silicoso da plantação do potreiro dos veados figurava um lago.

Toquei o sino como a fogo e se o houvesse realmente não apareceria bomba, que está a que existe desarranjada na arrecadação, recomendando eu ontem que comprassem um circular. Toca o tambor, como de costume, para os escravos se recolherem e eu vou ler deitado até vir o sono.

28 de dezembro de 1860

Meio-dia e 20. Cheguei há 10 minutos.

Parti para a fazenda de Pedra às 5h e 40 min, depois do meu copo de leite. O caminho só num lugar é que amparou felizmente a caleça quanto era preciso para não virar-se; mas com chuva tornou-se intransitável.

Estava no engenho às 7 menos 20, e depois de ver tanto abandono segui às 7h e 6 min para a casa dos Reverendos Carmelitas.

Às 7 ½ h parei na porta do chamado palacete, talvez por aí ficar muitas vezes meu avô e fui recebido por Fr. Bernardino, que veio convalescer, e Fr. João (filho do Pau), que está cobrando foros e rendas.

Visitei logo a capelinha sobre a pedra, que domina a praia e aí me contou frei Bernardino as tropelias que cometeu o padre Verdeixa à testa de seus fregueses de Guaratiba como vigário encomendado, arrombado a capelinha e querendo até pôr as mãos no reverendo padre-mestre.

As paredes da capelinha estão cheias de ex-votos, entre os quais abundam peitos de mulher, feitos de cera todos muito tesos; mas de grandeza desigual - e será com efeito um maior do que o outro? Ainda não apurei tanto os meus estudos anatômicos.

Almocei debaixo das belas mangueiras, que são muito desprezadas e acabava de observar o frei João que os frades não diziam nem queriam deixar dizer missa na capelinha para o povo da praia de Pedra, respondendo-me o reverendo, com ares de quem achava razão, que os frades eram doentes e não queriam perder a posse da capelinha.

Quando rebentaram foguetes, surdindo dentre as árvores quase todo o povo da praia com um velho à frente, que me entregou uma representação da confraria de N. Sra. do Desterro contra os frades, por causa da capelinha, e me disse que viera com meu avô de Portugal, fazendo-lhe sentinela ao camarote, que meu avô se segurara muitas vezes ao cachaço dele para descer à câmara e que andara por quase toda a Europa e até pela Rússia, tendo sido ordenança do hoje duque de Saldanha, segundo ouvi ao Cabral chama-se Faustino e parece ser o maioral da praia da Pedra.

Recomendei o negócio ao Ministro do Imérito para ver se prega a conciliação aos Reverendos.

Depois do almoço, às 9h e 20 min, fui até a ponte do rio de Joaquim Luís, onde começam as terras de Joaquim Luis Rangel e voltando pela praia, que já tem bastantes casas, achava-se outra vez perto do palacete, onde entrei na caleça, tendo feito essa digressão a cavalo, às 10 ½ h. Poucas terras restam de senhorio direto ao Convento e são inúmeras as prevaricações, que se contam de frei Vicente, que esteve administrando a fazenda antes de um mandato que o substitui agora.

Os arrendamentos são em maior número que os aforamentos e não muito longe daqui indo para a Pedra há um terreno arrendado de meia légua de testada sobre o mar e mais de fundo que talvez sirva para a colônia. O solo é produtivo e só falta água boa, que todavia se pode conduzir de um poço, mas de vertente do sitio de José Medanha, a ¼ de légua do Palacete, como chamarei sempre a casa dos frades; pois a igreja contígua é só ruínas.

Cumprer examinar na cidade os títulos das terras da Pedra, para melhor decidir a questão do local para a colônia, havendo aí a vantagem da comunicação fácil com Sta. Cruz, quer povoação da costa.

O lugar da Pedra é muito salubre e nas fazendas dos frades só houve 3 casos de cólera e nenhum no povoado da praia para onde acudiu gente da Guaratiba.

Na volta estavam os meninos na escola, que não me parece má como edificio olhando por fora, não tendo entrado para não apanhar sol mais ardente quando seguisse e não me consentirem os intestinos muita demora.

Li, passei pelo sono e tornei a ler até perto de 4 ½ h que recebi cartas de S. Cristóvão e os jornais.

Fui jantar às 4 ¾ h e depois vi os carneiros de raça que são sofríveis e ouvi ler os jornais.

Está trovejando com chuva e vento.

Tenho sido um pouco atrapalhado pelos intestinos, o que atribuo ao leite e talvez seja um bem para a saúde.

São quase 8 horas e daqui a pouco meto-me na cama para acordar cedo amanhã. Li o apontamento, que junto sobre o gado da fazenda; é desanimador e cumpre desenvolver muitíssima atividade para Sta. Cruz render segundo suas proporções.

29 de dezembro de 1860

Ontem antes de dormir ainda tomei uma chávena de chá fabricado na fazenda em 1849 que é tão bom como o da China.

O lápis ainda boliu comigo, e dei-lhe nova dentada, acordando às 5h, quando mais me enleava a imaginação.

Parti às 5h e 25 min com algum medo de meus intestinos e seguindo pelo atalho do Leme cheguei ao Bangu às 8h.

Almocei e li o jornal e Mercantil de ontem, e às 9h e 10 min continuei a viagem, chegando ao Campinho às 10h e 17 min.

Visitei primeiramente o edificio, onde se vão assentar a fundição e o laminador de cobre para as espoletas fulminantes e depois o laboratório químico, onde se ia preparar o fulminato de mercúrio, por meio da reação do álcool sobre o nitrato ácido de mercúrio, tendo já havido algumas explosões da retorta que precisa de ser substituída e fabricando-se 2 mil oitavos de fulminato por mês; a oficina de espoletas de fricção para canhão, fazendo cada trabalhador 60 por dia, são 6; o de carregar os foguetes de Congreve, por meio de duas prensas hidráulicas, uma de pressão de 100 toneladas para os de 2 ½ polegadas de diâmetro, carregando 10 e a 12 por dia, e a outra de 40 toneladas para os de 2 polegadas, carregando 18, havendo também aí duas máquinas de brocar os foguetes das duas grandezas depois de cheios; operação assaz perigosa; a da confecção do misto para foguetes, em que se empregam dois barris girantes com balas de bronze, tendo já se dado explosão em um pelo que parece mais conveniente uma folga movida a braço; o depósito de artefatos pirotécnicos de guerra, onde há 350 foguetes de Congreve e está cercado de muro além de feito de madeira e leve; a carpintaria, a oficina de cartuchos à Minié onde faz cada trabalhador 150 por dia; a de espoletas fulminantes feitas por máquinas, movidas a braço podendo cada uma dar prontas, por dia, de 16 a 18 mil, e é a mais curiosa de ver; e a de balas à Minié, que ainda se não fazem pela compressão do chumbo, como na Europa, e na Conceição, já se fabricam as esféricas ordinárias, e a serraria, onde se aprontam os canudos dos foguetes, à razão de 6 por dia, e outras peças necessárias ao estabelecimento.

Fui também ao escritório, ao quartel, cujas camas têm estrado de pau; à enfermaria que se acha bem arranjada, apesar de pequena; tendo os livros em dia; à botica, que duvido esteja sortida de tudo o que é preciso; à arrecadação; ao armazém dos víveres do rancho, de que alguns são muitos melhores que os da escola de tiro, não me parecendo contudo tão bom o café e a capelinha que é decente, e onde diz missa aos domingos um padre da vizinhança.

Voltei ao laboratório e daí a pouco principiou a reação e precipitado do fulminato de mercúrio, parecendo-me que o preparador que também é o boticário não procede com muita prudência, como lhe fez sentir o Luz.

O estabelecimento vai bem, e merece que se cuide dele com zelo por parte da administração superior.

Sai da lá minutos antes do meio-dia, e ao meio-dia partia de Cascadura, chegando à Quinta 23 minutos depois.